



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico  
Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

## **SURDO E OUVINTE: CULTURAS, DIFERENÇAS E IDENTIDADES.<sup>1</sup>**

**Alessandra Franzen Klein<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> Trabalho construído a partir da reflexão como educadora em escola da rede pública municipal e de pesquisadora sobre a inclusão de alunos surdos na rede regular de ensino

<sup>2</sup> Pedagoga, especialista em Tradução/ Interpretação e Docência em LIBRAS, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul-UNIJUI. Bolsista CNPq. E-mail: alessandrafklein@gmail.com

### **INTRODUÇÃO**

Pensar em criança surda e ouvinte remete a identidades, a quando na história da educação se pensou em olhar para o sujeito de forma a perceber sua identidade de ser humano, identidade de local, identidade de pertencimento a um grupo. Conforme Silva, de início “[...] parece fácil definir a identidade: A identidade é simplesmente aquilo que se é.” (SILVA, HALL; WOODWARD, 2012, p. 74).

No entanto, é justamente sobre o oposto que Silva propõe refletir-se: quem sou eu e, logo, quem é meu aluno? Como definir, então, quem é o surdo: “aquele que não ouve”? E quem é o ouvinte: “aquele que ouve”? Preocupa pensar que a escola possa estar se baseando nessas “vagas e simplórias” definições sobre os alunos que constituem este espaço de ensino e aprendizagem.

Ao tratar de educação de surdos precisa-se conhecer sua cultura, identidade e sua língua, e mais que conhecer: respeitá-las. Pensando em alunos, pessoas, faz-se necessário conhecer as culturas que constituem o espaço escola, pois a identidade pessoal é definida com a identidade de grupo, de pertencimento a ele, a uma forma de viver, de se relacionar e de se comunicar. No caso dos surdos, a cultura está relacionada à sua língua, uma vez que na forma de compreender o mundo – visualmente - constituem-se a cultura e a identidade surda.

Dessa maneira, objetiva-se trazer à reflexão que os surdos construíram sua forma de viver através de suas relações com outros surdos, não uma “cultura surda” inata, como se a criança nascesse com ela. A constituição do seu “eu” e de suas experiências ocorre a partir de sua relação social, ou seja, para que se perceba e faça parte culturalmente do “povo surdo”, de sua língua, de sua forma de ver e perceber o mundo é preciso que haja essa vivência.

Como se sabe que o surdo se constitui através das relações, com sua forma de expressão e compreensão de mundo, através de uma língua gestual, apropriando-se de uma cultura visual, identificando-se aos grupos pares e conseqüentemente diferenciando-se dos outros, pois “a identidade é, assim, marcada pela diferença” (SILVA; HALL; WOODWARD, 2012, p. 9), é





**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XVIII Jornada de Pesquisa

preciso que se provoque a escola para pensar sobre essas questões culturais, indenitárias, conhecer, respeitar e, ainda, valorizar a cultura surda.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura alicerçada numa pesquisa do cotidiano a partir de observações de duas escolas regulares com alunos surdos incluídos na educação básica, sendo uma aluna matriculada no 2º ano do ensino fundamental e a outra no sétimo ano do ensino fundamental, com observação mais frequentes no caso da aluna do segundo ano. A busca da coleta de dados se dá em artigos científicos de revistas eletrônicas de educação, livros e legislação educacional referente à Política Nacional de Educação Inclusiva.

A forma do desenvolvimento da pesquisa com o cotidiano possibilita inúmeras formas de saberes e descobertas, em que os caminhos são construídos na participação, no diálogo mútuo, na coletividade e traçados por muitos olhares, escutas e possibilidades. Nesta perspectiva Ferrazo (2007) enfatiza que se os pesquisadores estão imersos no contexto da pesquisa, no cotidiano, no dia a dia, chegam às vezes a serem sujeitos e objetos de sua própria pesquisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que se pode perceber a partir destas observações é que quando casos de inclusão de alunos surdos conseguem ofertar propostas que atentam à língua de sinais, contato com pares, atividades que trabalham a cultura e identidade surda, são esforços micro, isolados, de um professor que se preocupa com o aluno surdo e conhece a língua de sinais, pois tem formação na educação de surdos. As identidades surdas e ouvintes se diferenciam por uma língua, mas se aproximam pelas culturas locais e regionais de pertencimento. Essa seria a diferença que a escola precisaria perceber: a diferença linguística, mas a igualdade de fazer parte de um mesmo espaço.

Uma escolarização que perceba a criança surda dentro de sua cultura apenas é possível se a escola ressignificar sua prática, sua maneira de ver e entender os sujeitos que por décadas foram subordinados a uma cultura dominante. Sá destaca que “toda a educação está envolvida em um contexto de luta entre os grupos culturalmente dominantes e os culturalmente dominados”. (SÁ, 2006, p.96). Dominados e excluídos, sendo que atualmente se discute muito sobre quem é excluído e quem é incluído na sociedade e na própria escola. Ideologicamente, não deveriam existir as expressões “inclusão” e “exclusão”, pois o respeitar o ser humano, o outro, seria um processo natural da sociedade. Infelizmente, não é nesta simplicidade que a vida rege sua sinfonia. Muito menos na escola.

Culturalmente dominados e clinicamente vistos como diferentes dos “normais”. Skliar traz a reflexão em um de seus textos sobre diferente e diferença, colocando que a escola confunde as diferenças com o diferente. Diferentes é uma invenção, relacionada com uma atitude: “separar,





**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XVIII Jornada de Pesquisa

diminuir [...]. Diferenças não poderiam ser apresentadas por melhor e/ou pior, um simplificado dualismo de oposição, e sim simplesmente apresentadas como Diferenças”. (SKLIAR apud RODRIGUES, 2006, p. 23). A escola precisa estar atenta às “diferenças”, deixar de pensar no “diferente” de forma simplória, como se perceber o “diferente” desse conta de atender às diferenças humanas. Ao se tratar de educação de surdos a proposta bilíngue atenderia às necessidades dos alunos surdos, como Slomski coloca:

A proposta educacional bilíngue baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos do modelo sociocultural de surdez que tem como referência o bilinguismo. Esta perspectiva educacional fundamenta-se em estudos socioantropológicos, psicológicos, políticos, educacionais e linguísticos relacionados com a cultura e identidade da pessoa surda. Isso significa dizer que a educação bilíngue não se limita ao simples fato de utilizar duas línguas nas atividades escolares, mas busca, sim, um espaço prioritário para a língua natural da pessoa surda- Língua de Sinais- e o direito de a criança adquiri-la por processos naturais durante o mesmo período em que a criança ouvinte adquire em uma língua de modalidade oral. (SLOMSKI, 2011, p. 59).

Para que a escola atenda a cultura surda é necessária a reorganização de seu currículo e método, pensando que o modelo tradicional não considera as culturas envolvidas no processo, muito menos as identidades subjetivas, então, a desestabilização da escola e de seu “currículo engessado para uma cultura homogênea” diante de uma aluno surdo gera resistência que por sua vez gera um movimento em busca de compreender essa nova cultura. O aluno surdo só será percebido como o “outro” em sua língua, quando a escola olhar para os alunos com o princípio da alteridade, de compreensão das diferenças na sua simplicidade de ser “diferente”.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola ainda não olha para seus alunos com os óculos da diferença, mas sim de uma “diversidade”, procurando encontrar técnicas adaptativas, fórmulas de padronizar, “hospedando” o aluno na escola, e não promovendo uma aprendizagem e uma relação com todos. Não se precisa “que faça metástase, mas que faça metamorfose”. (SKLIAR apud RODRIGUES, 2006, p. 33).

Isso porque se trata de marcar a “diferença” não para rotular o “diferente”, mas com o objetivo de reconhecer o outro na sua subjetividade, sem intenção de padronizar os sujeitos colocando todos na mesma “forma” como se bastassem receitas de ensinar e aprender. A diferença reconhecida oportuniza viver sua identidade, ser valorizado e respeitado na sua cultura, cultura de uma comunidade, de um povo, que na sua maneira de ser e viver compreende o mundo.

#### REFERÊNCIAS

- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós- modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed., 1 reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- RODRIGUES, Davi. (org.). Inclusão e educação. 2006.



# SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUÍ 2013  
Ciência • Saúde • Esporte



**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XVIII Jornada de Pesquisa

SÁ, Nidia Regina Limeira de. Cultura poder e educação de surdos. São Paulo: Paulinas, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais? 11 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SLOMSKI, Vilma Geni. Educação bilíngue para surdos: concepções e implicações práticas. 1 ed. (2010), 1ª reimpr./ Curitiba: Juará, 2011.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.



Para uma VIDA de CONQUISTAS